Demitologização e Novo Testamento

Kinno Alves Cerqueira[1]

Resumo

Demitologização é o nome que Rudolf Bultmann concedeu a seu programa hermenêutico para o Novo Testamento. Com este trabalho, visa-se explicitar este método hermenêutico em si e assinalar algumas das possíveis implicações de seu emprego para a leitura do Novo Testamento. A discussão faz-se em sensibilidade com os desafios do fundamentalismo para os estudos bíblicos em geral.

Palavras-chave: Demitologização. Rudolf Bultmann. Hermenêutica. Novo Testamento.

Introdução

Nascido em Bremen, na Alemanha, filho de pastor luterano, Rudolf Bultmann (1884–1975) frequentou as universidades de Tübingen, Berlim e Marburg, vindo a tornar-se um notável professor desta última[2]. Dez anos antes de sua aposentadoria, isto é, em 1941, "o maduro exegeta de Marburg", iniciou a apresentação de uma sequência de comunicações sobre *Novo Testamento e Mitologia*, abrindo, com isso, "uma das mais memoráveis disputas teológicas do século XX" (GIBELLINI, 2012, p. 33).

Os colóquios de Bultmann e suas consequentes publicações teológicas suscitaram debates acirrados e veementes polêmicas. Em 1952, o sínodo da Igreja Luterana pronuncia-se oficialmente contra a Demitologização. Oscar Cullmann, com sua obra *Cristo e o Tempo* (1946), desenvolve uma teologia da história num tom sutilmente antibultmanniano. Karl Barth inscreve-se na discussão com um escrito intitulado *Rudolf Bultmann, uma tentativa de compreendê-lo* (1952) e Friedrich Gogarten, com seu denso escrito *Demitização e Igreja* (1953), defende Bultmann do pronunciamento oficial do sínodo da Igreja Luterana. Para além dos círculos da

[1] Mestrando no Programa de Pós-graduação em Teologia (PPGTEO) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Bolsista da CAPES. E-mail: *kinno_cerkeira@hotmail.com*

[2] Bultmann foi professor da Universidade de Marburg de 1921 a 1951 (GRENZ; MILLER, 2011, p. 49).

teologia protestante, teólogos católicos e filósofos – dentre estes últimos, Karl Jaspers – participaram oficialmente do debate encetado por Bultmann (GIBELLINI, 2012, p. 33).

Com a exacerbação do fundamentalismo bíblico, o debate em torno da Demitologização reduziu-se a uma série de ataques mesquinhos e violentos. Em seminários e faculdades evangélicas, por exemplo, a memória de Rudolf Bultmann e de suas obras teológicas habita a lista dos anátemas. As universidades católicas, embora assumam uma postura dialógica em relação às teologias protestantes do séc. XX, não deixam de manter Bultmann na penumbra.

A obra de Bultmann é vastíssima e desafiadora e a força das críticas que lhe fazem é assustadoramente inferior ao grau de empenho para compreender seus textos. Com este trabalho, busca-se explicitar o sentido da "Demitologização" (*Entmythologisierung*)[3] e algumas das possíveis implicações de seu emprego para a interpretação do Novo Testamento. As obras de referência usadas neste trabalho são *Novo Testamento e Mitologia*, texto inaugural de 1941, e *Jesus Cristo e Mitologia*, obra que resulta da compilação das conferências proferidas nos EUA, em 1951[4].

1 Demitologização

A hermenêutica proposta por Rudolf Bultmann (1884–1976) parte da constatação de que o "mundo bíblico" e o "mundo moderno" pressupõem duas concepções de mundo distintas entre si: a primeira é "mitológica", ou seja, concebe o mundo como estruturado em três planos (céu, terra, abismos/infernos) e abriga a crença na intervenção de poderes sobrenaturais no curso dos acontecimentos históricos (BULTMANN, 1999, p. 5); a segunda é "científica", quer dizer, "dá por suposto que o curso da natureza e da história, o mesmo que sua vida íntima e sua vida prática, nunca são interrompidas pela intervenção de poderes sobrenaturais" (BULTMANN, 2000, p. 14).

Sublinhada a distinção entre as cosmovisões bíblica (mitológica) e moderna (científica), Bultmann se pergunta se a mensagem do Novo Testamento, dadas suas

[3] O termo alemão entre parênteses pode ser traduzido por Demitologização, Desmitologização ou Demitização. Nesta comunicação, emprega-se o primeiro.
[4] As traduções usadas neste trabalho são, respectivamente, de 1999 e 2000.

formulações serem mitológicas, ainda se reveste de alguma importância para a pessoa moderna (BULTMANN, 1999, p. 7). Segundo Bultmann, as formulações do Novo Testamento, em razão de serem devedoras de uma concepção mitológica do mundo, "estão já superadas e carecem de valor" e acolhê-las, tal como estão, requer um *sacrifficium intellectus* (sacrifício do intelecto) para aceitar aquilo que é inverossímil à luz da ciência ou uma seleção estreita de versículos que ofereçam uma ética pouco devedora de uma concepção mitológica do mundo (BULTMANN, 2000, p. 15)[5].

Visto ser improvável que o ser humano de hoje aceda a uma visão mitológica já superada e em razão de ser inadequado fazer coincidir a fé com um *sacrifficium intellectus* ou com uma seleção arbitrária de versículos, Bultmann (1999, p. 7) levanta uma nova pergunta: a proclamação (*kerygma*) do Novo Testamento possui uma verdade independente da concepção mitológica do mundo? Intuindo que sim, Bultmann apresenta mais uma pergunta, a qual, não deixando de ser também uma afirmação, impulsiona todo seu labor hermenêutico: há um significado mais profundo oculto sob o véu dos enunciados mitológicos do Novo Testamento?

> Teremos que nos perguntar, pois, se a pregação escatológica e o conjunto dos enunciados mitológicos contém um significado ainda mais profundo, que permanece oculto sob o véu da mitologia. Se é assim, devemos abandonar as concepções mitológicas precisamente porque queremos conservar um significado mais profundo. A este método de interpretação do Novo Testamento que trata de redescobrir seu significado mais profundo, oculto atrás das concepções mitológicas, eu o chamo *Demitologização* – termo que não deixa de ser muito insatisfatório. Não se pressupõe eliminar os enunciados mitológicos, senão interpretá-los. É, pois, um método hermenêutico (BULTMANN, 2000, p. 16).

Nota-se que o método hermenêutico "Demitologização" parte de uma dupla constatação e de duas perguntas. A dupla constatação: o Novo Testamento e o mundo moderno pressupõem diferentes cosmovisões e que a recepção dos enunciados do primeiro pelo segundo requer deste um *sacrifficium intellectus* ou uma seleção estreita de versículos. As duas perguntas – que não deixam ser

[5] O mandamento de fazer o bem, a exigência de veracidade e pureza, a disponibilidade para o sacrifício e o amor constituem, segundo Bultmann (2000, p. 15-16), uma ética jesuânica que, ao invés de requerer um *sacrifficium intellectus* por parte da pessoa moderna, colide tão somente com "sua vontade egoísta".

afirmativas em razão se seu caráter retórico –: a proclamação (kerygma) do Novo Testamento possui uma verdade independente da concepção mitológica do mundo? Há um significado mais profundo que está oculto sob o véu dos enunciados mitológicos do Novo Testamento?

Ao contrário do que se poderia supor, Bultmann não absolutiza a concepção científica do mundo em detrimento da concepção mitológica ou vice-versa. Para Bultmann, a mitologia expressa, por um lado, "uma certa inteligência da existência humana" em seu esforço de exprimir que "o mundo e a vida humana têm seu fundamento em um poder que está para além daquilo que podemos calcular ou controlar" e, por outro lado, em razão de sua insistência na ideia de que seres sobrenaturais interferem no curso da história do mundo, a mitologia dificulta que a humanidade assuma sua existência "consciente de que cada agora é o elemento de uma livre decisão" e não da intervenção de poderes sobrenaturais. A visão científica do mundo, apesar de conceber a existência como fruto de uma livre decisão, engendra no ser humano, por outro lado, a grande tentação "de querer dominar o mundo e sua própria vida" estritamente em benefício de "seus desejos de felicidade e segurança, utilidade e proveito", ao invés de ser uma "resposta à exigência de bondade, de verdade e de amor" (BULTMANN, 2000, p. 16.45.31-32).

Ambas as concepções de mundo, a mitológica e a científica, encontram-se em um ponto comum: a busca por segurança, com a diferença de que a primeira funda sua segurança na crença na intervenção benfazeja de Deus e a segunda, na autonomia humana para construir uma vida plenamente feliz. Mas a despeito de suas ressalvas sobre ambas as concepções de mundo, Bultmann compreende que não há possibilidade de volta à concepção mitológica do mundo consignada na Bíblia, posto que ela é "inaceitável para o homem moderno cujo pensamento tem sido modelado pela ciência". Por essa razão, a Demitologização adota como critério hermenêutico a visão moderna de mundo, cujo desdobramento interpretativo mira superar "a visão bíblica de mundo, que é a visão de uma época passada, com demasiada frequência ainda mantida na dogmática cristã e na pregação da Igreja" (BULTMANN, 2000, p. 29)[6].

[6] Em outro lugar, Bultmann (2000, p. 52) escreve: "Na fé, comprovo que a visão científica do mundo não inclui toda a realidade do mundo e da vida humana, porém a fé não me oferece outra visão geral

Há que se dizer, contudo, que a Demitologização, ao contrário do que muitos pensam, "não significa recusar a Escritura", mas "negar que a mensagem da Escritura e da Igreja esteja ineludivelmente vinculada a uma visão de mundo antiga e obsoleta" (BULTMANN, 2000, p. 29). A Demitologização, cujo desígnio é aclarar a interpelação da Palavra de Deus, quer "interpretar a Escritura interrogando-se pelo significado mais profundo das concepções mitológicas e libertando a Palavra de Deus de uma visão de mundo já superada" (BULTMANN, 2000, p. 37)[7].

A Demitologização opera-se, basicamente, sob duas perspectivas: "a perspectiva da essência do mito" e "a perspectiva do próprio Novo Testamento". Sob a primeira perspectiva, Bultmann observa que "o verdadeiro sentido do mito não é proporcionar uma concepção objetiva do universo", mas expressar "como o ser humano se compreende em seu mundo". Disso resulta que o sentido do mito não solicita uma interpretação cosmológica, mas antropológica ou existencial. Sob a segunda perspectiva, Bultmann destaca que o Novo Testamento abriga perspectivas que podem ser consideradas como uma Demitologização nascente: a determinação cósmica do ser humano e o pecado como fatalidade – próprios da visão mitológica – convivem com o chamado à decisão e à noção de pecado como culpa, sendo estes últimos características de uma Demitologização nascente no próprio Novo Testamento (BULTMANN, 1999, p. 14-15).

Visto que, para Bultmann (2000, p. 40.42), um método hermenêutico é "um sistema de interrogação", isto é, "uma maneira de formular perguntas", a Demitologização, enquanto método hermenêutico que visa a desvelar o sentido mais profundo das concepções mitológicas[8], aproximar-se-á do Novo Testamento com a pergunta: "Como a Bíblia concebe a existência humana?"[9]. Esta última

do mundo que corrija os enunciados da ciência situando-se em seu mesmo nível. Mas antes a fé reconhece que a visão de mundo proporcionada pela ciência é um meio necessário para levar a cabo nossa obra no mundo".

[7] Bultmann (2000, p. 54) admite que concepções mitológicas possam ser usadas como símbolos ou imagens – que, talvez, são necessários à linguagem religiosa –, mas isto não constitui uma objeção à Demitologização: pelo contrário, a significação da linguagem mitológica "pode e deve ser formulada sem recorrer a termos mitológicos".

[8] Para Bultmann (1999, p. 14), o sentido do mito é dizer (e interrogar) sobre "como o ser humano se compreende em seu mundo".

[9] A Demitologização objetivaria, fundamentalmente, demitologizar o que o Novo Testamento afirma em linguagem mitológica sobre a existência do ser humano antes da fé e, igualmente, o que o Novo Testamento diz a respeito da existência na fé (BULTMANN, 1999, p. 37). Em franco diálogo com a filosofia existencial, sobretudo em sua versão heideggeriana, Bultmann (1999, p. 21.22.36.29) concebe

pergunta faz com que a Demitologização seja conhecida como uma interpretação existencial do Novo Testamento[10]. A rigor, e sob risco de que se incorra em reducionismo, pode-se dizer que a Demitologização é um método hermenêutico constituído por duas constatações, duas premissas e uma tarefa hermenêutica: *primeira constatação*: o mundo do Novo Testamento e o mundo moderno pressupõem visões distintas de mundo, sendo a primeira mitológica e a segunda, científica; *segunda constatação*: o mundo moderno, para aceder à concepção mitológica do Novo Testamento (o que é decerto improvável), teria que efetuar um *sacrifficium intellectus* ou proceder numa seleção estreita de versículos em detrimento do todo; *primeira premissa*: a mensagem do Novo Testamento possui uma verdade independente da concepção mitológica que a subjaz; *segunda premissa*: há um significado mais profundo que jaz oculto sob o véu dos enunciados mitológicos do Novo Testamento; *tarefa hermenêutica*: redescobrir o (s) significado (s) mais profundo (s) presente (s) nas concepções mitológicas do Novo Testamento.

2 Demitologização e Novo Testamento

Que uma concepção mitológica de mundo seja pressuposta da primeira à última página do Novo Testamento, não há dúvidas: no Evangelho segundo Mateus, um "Anjo do Senhor" manifesta-se a José em sonho para anunciar-lhe que no ventre de Maria gestava-se um menino que, vindo do Espírito Santo, salvaria o povo de seus pecados e sinalizaria a presença do "Deus conosco" (Mt 1,18-25); no Apocalipse, é um "Anjo" que anuncia a João "as coisas que devem acontecer muito em breve" (Ap 1,1). Além disso, sob o arco mitológico Mt–Ap, perfilam-se exemplos sobejos dessa concepção mitológica de mundo, dentre os quais destacam-se a

a existência humana como inautêntica ou autêntica. A "existência inautêntica", que precede a fé, é a existência no pecado, cujo traço distintivo é a pretensão do sentimento de autossuficiência que aprisiona o ser humano naquilo que é visível e disponível. Esta postura, por não condizer com a real situação do ser humano – "ele não está em segurança" –, fá-lo perder sua vida, sua existência autêntica, ficando preso a uma esfera da qual "cogita dispor e partir da qual supõe [erradamente] obter sua segurança". A "existência autêntica", por outro lado, é a existência na fé, a qual parte do que é invisível e indisponível, renunciando a toda suposta segurança fundada na autossuficiência para assumir sua verdadeira humanidade, isto é, um estado de liberdade de si mesmo para si mesmo, que torna o ser humano livre para uma vida de entrega na fé e no amor. A fé é, portanto, "a postura da verdadeira humanidade".

[10] Não há razões substanciais para objetá-lo. Todavia, ao que parece, a leitura existencial aparece mais como "abordagem" do que como parte integrante do método hermenêutico Demitologização.

apresentação de doenças como sendo efeito causal da atuação de espíritos malignos e as curas como sendo sinal da intervenção salutar de Deus.

A concepção de mundo à maneira científica exacerba-se na contemporaneidade. Sem desconsiderar a presença sub-reptícia de concepções mitológicas atualmente, nota-se que a vida das grandes cidades não é mais determinada pelo drama da salvação nem pelo pavor do inferno. A relação causa-efeito proveniente da objetividade científica é evocada para explicar enchentes e secas, pandemias e processos de imunização. Acima das nuvens não estão os deuses e sondas subterrâneas testemunham que tudo é matéria. As sociedades humanas estão entregues a si mesmas e seus impasses e avanços não se explicam pela intervenção de seres espirituais, senão pelo labor estritamente humano. O "mundo encantado" da cosmovisão mitológica consignada no Novo Testamento é gradativamente substituída pelo "mundo objetivado" pela ciência.

Se, por um lado, poucas pessoas objetariam os dois parágrafos acima, por outro, é incerto que os assumam de maneira consequente no ato de interpretar os textos do Novo Testamento[11]. A prática de leitura do Novo Testamento parece fazer-se à parte das concepções científicas que abalizam a vida cotidiana. A academia, como também as igrejas, lança mão de sofisticadas análises científicas para explicar o desenrolar da história e, ao mesmo tempo, apregoa uma visão de mundo segundo a qual a história é alterada pela intervenção de forças sobrenaturais. Um exemplo? Um dos principais temas do Novo Testamento – quiçá da Bíblia como um todo e das igrejas em geral – é o Reino de Deus. Quando se procede na interpretação deste tema, costuma-se manter praticamente intacta sua formulação mitológica sem, contudo, penetrar seus sentidos. Nesse caso, não se sabe se se deveria falar em interpretação ou descrição textual.

Entre os estudiosos do Novo Testamento, há considerável consenso de que as tradições sinóticas são unânimes em conceber o "Reino de Deus" como o pulsar central, condutor e determinante da vida de Jesus e de sua mensagem (Mt 4,17.23; Mc 1,14-15; Lc 4,43). Ao lado deste consenso, desfila uma diversidade de hermenêuticas sobre os significados do Reino de Deus. Por mais que sejam

[11] Diga-se que o próprio Bultmann não foi totalmente consequente no emprego de seu método hermenêutico para a leitura do Novo Testamento.

diversas, estas hermenêuticas comungam do ponto de vista segundo o qual o Reino de Deus comporta uma tensão entre um "já agora" e um "ainda não", quer dizer, o Reino é presente e caminha para sua consumação ou plenificação. A consumação/plenificação do Reino – e este é o ponto para o qual essas hermenêuticas confluem – realiza-se exclusivamente pela vontade de Deus. Ao ser humano, que não pode apressar nem impedir a consumação/plenificação do Reino de Deus, cabe tão somente a decisão entre agarrar-se à falsa segurança deste mundo e ou converter-se ao Reino de Deus que vem inelutavelmente.

Não há dúvidas de que o entendimento acima faz jus às tradições sinóticas enquanto descrição destas. O que não se sabe ao certo é se se pode designar de hermenêutica bíblica o empreendimento que apenas "conta" o mito (do Reino de Deus) sem interpretá-lo. As hermenêuticas que insistem em afirmar que o Reino de Deus é uma realidade que "vem" assentem, por pressuposição e consequência, à concepção mitológica do mundo segundo a qual o curso da história é passível da intervenção de forças sobrenaturais, o que não deixa de ser uma explícita contradição com as concepções científicas que guiam a vida cotidiana de quem lê o Novo Testamento.

Considerações finais

A Demitologização, longe de propor que se desdenhem das narrativas mitológicas, inscreve o leitor do Novo Testamento na tarefa de interrogar-se pelos sentidos que as habitam. Contar o mito – e a isto se reduzem boa parte das hermenêuticas do Novo Testamento – é uma etapa fundamental da hermenêutica, mas que reclama um segundo passo, a saber, a interpretação. Decerto, trata-se de uma tarefa difícil, pois constitui uma ameaça à incolumidade dos "sistemas de sentido" sobre os quais repousam a psique humana. Não se pode olvidar, contudo, que há uma tarefa hermenêutica a ser assumida. A Demitologização interpela a isto.

Referências

ALVES, R. **O que é religião?** São Paulo: Loyola, 2014.

BULTMANN, R. Novo Testamento e Mitologia. In: BULTMANN, R. **Demitologização**: coletânea de ensaios. Tradução de Walter Altmann e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

BULTMANN, R. ***Jesus Cristo e mitologia***. Tradução de Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2000.

GIBELLINI, R. **A teologia do Século XX**. Tradução de João Peixoto Netto. São Paulo: Loyola, 2012.

MILLER, E. L; GRENZ, S. J. **Teologias contemporâneas**. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2001.